

QUINTA-FEIRA • 31 DE DEZEMBRO DE 2015

**Diário do Minho**

Este suplemento faz parte da edição n.º 30903  
de 31 de Dezembro de 2015, do jornal Diário do Minho,  
não podendo ser vendido separadamente.

**IGREJA** <sup>VIV</sup>

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO  
PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ

01 de Janeiro de 2016

# Dia Mundial da Paz



# “VENCE A INDIFERENÇA E CONQUISTA A PAZ”

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ | 01 DE JANEIRO DE 2016

**1** Deus não é indiferente; importa-Lhe a humanidade! Deus não a abandona! Com esta minha profunda convicção, quero, no início do novo ano, formular votos de paz e bênçãos abundantes, sob o signo da esperança, para o futuro de cada homem e mulher, de cada família, povo e nação do mundo, e também dos chefes de Estado e de governo e dos responsáveis das religiões. Com efeito, não perdemos a esperança de que o ano de 2016 nos veja a todos firme e confiadamente empenhados, nos diferentes níveis, a realizar a justiça e a trabalhar pela paz. Na verdade, esta é dom de Deus e trabalho dos homens; a paz é dom de Deus, mas confiado a todos os homens e a todas as mulheres, que são chamados a realizá-lo.

## CONSERVAR AS RAZÕES DA ESPERANÇA

**2.** Embora o ano passado tenha sido caracterizado, do princípio ao fim, por guerras e actos terroristas, com as suas trágicas consequências de sequestros de pessoas, perseguições por motivos étnicos ou religiosos, prevaricações, multiplicando-se cruelmente em muitas regiões do mundo, a ponto de assumir os contornos daquela que se poderia chamar uma “terceira guerra mundial por pedaços”, todavia alguns acontecimentos dos últimos anos e também do ano passado incitam-me, com o novo ano em vista, a renovar a exortação a não perder a esperança na capacidade que o homem tem, com a graça de Deus, de superar o mal, não se rendendo à resignação nem à indiferença. Tais acontecimentos representam a capacidade de a humanidade agir solidariamente, perante as situações críticas, superando os interesses individualistas, a apatia e a indiferença.

Dentre tais acontecimentos, quero recordar o esforço feito para favorecer o encontro dos líderes mundiais, no âmbito da Cop21, a fim de se procurar novos caminhos para enfrentar as alterações climáticas e salvaguardar o bem-estar da terra, a nossa casa comum. E isto remete para mais dois acontecimentos anteriores de nível mundial:

a Cimeira de Adis-Abeba para arrecadação de fundos destinados ao desenvolvimento sustentável do mundo; e a adopção, por parte das Nações Unidas, da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que visa assegurar, até ao referido ano, uma existência mais digna para todos, sobretudo para as populações pobres da terra.

O ano de 2015 foi um ano especial para a Igreja, nomeadamente porque registou o cinquentenário da publicação de dois documentos do Concílio Vaticano II que exprimem, de forma muito eloquente, o sentido de solidariedade da Igreja com o mundo. O Papa João XXIII, no início do Concílio, quis escancarar as janelas da Igreja, para que houvesse, entre ela e o mundo, uma comunicação mais aberta. Os dois documentos – *Nostra aetate* e *Gaudium et spes* – são expressões emblemáticas da nova relação de diálogo, solidariedade e convivência que a Igreja pretendia introduzir no interior da humanidade. Na Declaração *Nostra aetate*, a Igreja foi chamada a abrir-se ao diálogo com as expressões religiosas não-cristãs. Na Constituição pastoral *Gaudium et spes* – dado que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” –, a Igreja desejava estabelecer um diálogo com a família humana sobre os problemas do mundo, como sinal de solidariedade, respeito e amor.

Nesta mesma perspectiva, com o Jubileu da Misericórdia, quero convidar a Igreja a rezar e trabalhar para que cada cristão possa maturar um coração humilde e compassivo, capaz de anunciar e testemunhar a misericórdia, de “perdoar e dar”, de abrir-se “àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática”, sem cair “na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói”.

Variadas são as razões para crer na capacidade que a humanidade tem de agir, conjunta e

solidariamente, reconhecendo a própria interligação e interdependência e tendo a peito os membros mais frágeis e a salvaguarda do bem comum. Esta atitude de solidária corresponsabilidade está na raiz da vocação fundamental à fraternidade e à vida comum. A dignidade e as relações interpessoais constituem-nos como seres humanos, queridos por Deus à sua imagem e semelhança. Como criaturas dotadas de inalienável dignidade, existimos relacionando-nos com os nossos irmãos e irmãs, pelos quais somos responsáveis e com os quais agimos solidariamente. Fora desta relação, passaríamos a ser menos humanos. É por isso mesmo que a indiferença constitui uma ameaça para a família humana. No limiar dum novo ano, quero convidar a todos para que reconheçam este facto a fim de se vencer a indiferença e conquistar a paz.

## ALGUMAS FORMAS DE INDIFERENÇA

**3.** Não há dúvida de que o comportamento do indivíduo indiferente, de quem fecha o coração desinteressando-se dos outros, de quem fecha os olhos para não ver o que sucede ao seu redor ou se esquia para não ser abalroado pelos problemas alheios, caracteriza uma tipologia humana bastante difundida e presente em cada época da história; mas, hoje em dia, superou decididamente o âmbito individual para assumir uma dimensão global, gerando o fenómeno da “globalização da indiferença”.

A primeira forma de indiferença na sociedade humana é a indiferença para com Deus, da qual deriva também a indiferença para com o próximo e a criação. Trata-se de um dos graves efeitos dum falso humanismo e do materialismo prático, combinados com um pensamento relativista e niilista. O homem pensa que é o autor de si mesmo, da sua vida e da sociedade; sente-se auto-suficiente e visa não só ocupar o lugar de Deus, mas prescindir completamente d’Ele; conseqüentemente, pensa que não deve nada a ninguém, excepto a si mesmo, e pretende ter apenas direitos. Contra esta errónea compreensão que a pessoa tem de si mesma,





Bento XVI recordava que nem o homem nem o seu desenvolvimento são capazes, por si mesmos, de se atribuir o próprio significado último; e, antes dele, Paulo VI afirmara que “não há verdadeiro humanismo senão o aberto ao Absoluto, reconhecendo uma vocação que exprime a ideia exacta do que é a vida humana”.

A indiferença para com o próximo assume diferentes fisionomias. Há quem esteja bem informado, ouça o rádio, leia os jornais ou veja programas de televisão, mas fá-lo de maneira entorpecida, quase numa condição de rendição: estas pessoas conhecem vagamente os dramas que afligem a humanidade, mas não se sentem envolvidas, não vivem a compaixão. Este é o comportamento de quem sabe, mas mantém o olhar, o pensamento e a acção voltados para si mesmo. Infelizmente, temos de constatar que o aumento das informações, próprio do nosso tempo, não significa, de por si, aumento de atenção aos problemas, se não for acompanhado por uma abertura das consciências em sentido solidário. Antes, pode gerar uma certa saturação que anestesia e, em certa medida, relativiza a gravidade dos problemas. “Alguns comprazem-se simplesmente em culpar, dos próprios males, os pobres e os países pobres, com generalizações indevidas, e pretendem encontrar

a solução numa “educação” que os tranquilize e transforme em seres domesticados e inofensivos. Isto torna-se ainda mais irritante, quando os excluídos vêem crescer este câncer social que é a corrupção profundamente radicada em muitos países – nos seus governos, empresários e instituições – seja qual for a ideologia política dos governantes”.

Noutros casos, a indiferença manifesta-se como falta de atenção à realidade circundante, especialmente a mais distante. Algumas pessoas preferem não indagar, não se informar e vivem o seu bem-estar e o seu conforto, surdas ao grito de angústia da humanidade sofredora. Quase sem nos dar conta, tornámo-nos incapazes de sentir compaixão pelos outros, pelos seus dramas; não nos interessa ocupar-nos deles, como se aquilo que lhes sucede fosse responsabilidade alheia, que não nos compete. “Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros (isto, Deus Pai nunca o faz!), não nos interessam os seus problemas, nem as tribulações e injustiças que sofrem; e, assim, o nosso coração cai na indiferença: encontrando-me relativamente bem e confortável, esqueço-me dos que não estão bem”.

Vivendo nós numa casa comum, não podemos deixar de nos interrogar sobre o seu estado de saúde, como procurei fazer na Carta encíclica *Laudato si'*. A poluição das águas e do ar, a exploração indiscriminada das florestas, a destruição do meio ambiente são, muitas vezes, resultado da indiferença do homem pelos outros, porque tudo está relacionado. E de igual modo o comportamento do homem com os animais influi sobre as suas relações com os outros, para não falar de quem se permite fazer noutros lugares aquilo que não ousa fazer em sua casa.

Nestes e noutros casos, a indiferença provoca sobretudo fechamento e desinteresse, acabando assim por contribuir para a falta de paz com Deus, com o próximo e com a criação.

#### A PAZ AMEAÇADA PELA INDIFERÊNCIA GLOBALIZADA

**4.** A indiferença para com Deus supera a esfera íntima e espiritual da pessoa individual e investe a esfera pública e social. Como afirmava Bento XVI, “há uma ligação íntima entre a glorificação de Deus e a paz dos homens na terra”. Com efeito, “sem uma

abertura ao transcendente, o homem cai como presa fácil do relativismo e, conseqüentemente, torna-se-lhe difícil agir de acordo com a justiça e comprometer-se pela paz”. O esquecimento e a negação de Deus, que induzem o homem a não reconhecer qualquer norma acima de si próprio e a tomar como norma apenas a si mesmo, produziram crueldade e violência sem medida.

A nível individual e comunitário, a indiferença para com o próximo – filha da indiferença para com Deus – assume as feições da inércia e da apatia, que alimentam a persistência de situações de injustiça e grave desequilíbrio social, as quais podem, por sua vez, levar a conflitos ou de qualquer modo gerar um clima de descontentamento que ameaça desembocar, mais cedo ou mais tarde, em violências e insegurança.

Neste sentido, a indiferença e consequente desinteresse constituem uma grave falta ao dever que cada pessoa tem de contribuir – na medida das suas capacidades e da função que desempenha na sociedade – para o bem comum, especialmente para a paz, que é um dos bens mais preciosos da humanidade.

Depois, quando investe o nível institucional, a indiferença pelo outro, pela sua dignidade, pelos seus direitos fundamentais e pela sua liberdade, de braço dado com uma cultura orientada para o lucro e o hedonismo, favorece e às vezes justifica acções e políticas que acabam por constituir ameaças à paz. Este comportamento de indiferença pode chegar inclusivamente a justificar algumas políticas económicas deploráveis, precursoras de injustiças, divisões e violências, que visam a consecução do bem-estar próprio ou o da nação. Com efeito, não é raro que os projectos económicos e políticos dos homens tenham por finalidade a conquista ou a manutenção do poder e das riquezas, mesmo à custa de espezinhar os direitos e as exigências fundamentais dos outros. Quando as populações vêem negados os seus direitos elementares, como o alimento, a água, os cuidados de saúde ou o trabalho, sentem-se tentadas a obtê-los pela força.

Por fim, a indiferença pelo ambiente natural, favorecendo o desflorestamento, a poluição e as catástrofes naturais que desenraizam comunidades inteiras do seu ambiente de vida, constringendo-as à precariedade e à insegurança, cria novas pobreza, novas situações de injustiça com consequências muitas vezes desastrosas em termos de segurança e paz social. Quantas guerras foram movidas e quantas ainda serão travadas por causa da falta de recursos ou para responder à demanda insaciável de recursos naturais?

#### DA INDIFERÊNCIA À MISERICÓRDIA: A CONVERSÃO DO CORAÇÃO

**5.** Quando, há um ano – na Mensagem para o Dia Mundial da Paz intitulada “já não escravos, mas irmãos” –, evoquei o primeiro ícone bíblico da fraternidade humana, o ícone de Caim e Abel (*cf. Gn 4, 1-16*), fi-lo para evidenciar o modo como foi traída esta primeira fraternidade. Caim e Abel são irmãos. Provêm ambos do mesmo ventre, são iguais em dignidade e criados à imagem e semelhança de Deus; mas a sua fraternidade de criaturas quebra-se. “Caim não só não suporta o seu irmão Abel, mas mata-o por inveja”. E assim o fratricídio torna-se a forma de traição, sendo a rejeição, por parte de Caim, da fraternidade de Abel a primeira ruptura nas relações familiares de fraternidade, solidariedade e respeito mútuo.

Então Deus intervém para chamar o homem à responsabilidade para com o seu semelhante, precisamente como fizera quando Adão e Eva, os primeiros pais, quebraram a comunhão com o



Criador. “O Senhor disse a Caim: “Onde está o teu irmão Abel?” Caim respondeu: “Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?” O Senhor replicou: “Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim” (*Gn 4, 9-10*).

Caim diz que não sabe o que aconteceu ao seu irmão, diz que não é o seu guardião. Não se sente responsável pela sua vida, pelo seu destino. Não se sente envolvido. É-lhe indiferente o seu irmão, apesar de ambos estarem ligados pela origem comum. Que tristeza! Que drama fraterno, familiar, humano! Esta é a primeira manifestação da indiferença entre irmãos. Deus, ao contrário, não é indiferente: o sangue de Abel tem grande valor aos seus olhos e pede contas dele a Caim. Assim, Deus revela-Se, desde o início da humanidade, como Aquele que se interessa pelo destino do homem. Quando, mais tarde, os filhos de Israel se encontram na escravidão do Egito, Deus intervém de novo. Diz a Moisés: “Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspectores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de o libertar da mão dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel” (*Ex 3, 7-8*). É importante notar os verbos que descrevem a intervenção de Deus: Ele observa, ouve, conhece, desce, liberta. Deus não é indiferente. Está atento e age.

De igual modo, no seu Filho Jesus, Deus desceu ao meio dos homens, encarnou e mostrou-Se solidário com a humanidade em tudo, excepto no pecado. Jesus identificava-Se com a humanidade: “o primogénito de muitos irmãos” (*Rm 8, 29*). Não se contentava em ensinar às multidões, mas preocupava-Se com elas, especialmente quando as via famintas (*cf. Mc 6, 34-44*) ou sem trabalho (*cf. Mt 20, 3*). O seu olhar não Se fixava apenas nos seres humanos, mas também nos peixes do mar, nas aves do céu, na erva e nas árvores, pequenas e grandes; abraçava a criação inteira. Ele vê sem dúvida, mas não Se limita a isso, pois toca as pessoas, fala com elas, age em seu favor e faz bem a quem precisa. Mais ainda, deixa-Se comover e chora (*cf. Jo 11, 33-44*). E age para acabar com o sofrimento, a tristeza, a miséria e a morte.

Jesus ensina-nos a ser misericordiosos como o Pai (*cf. Lc 6, 36*). Na parábola do bom samaritano (*cf. Lc 10, 29-37*), denuncia a omissão de ajuda numa necessidade urgente dos seus semelhantes: “ao vê-lo, passou adiante” (*Lc 10, 32*). Ao mesmo tempo, com este exemplo, convida os seus ouvintes, e particularmente os seus discípulos, a aprenderem a parar junto dos sofrimentos deste mundo para os aliviar, junto das feridas dos outros para as tratar com os recursos de que disponham, a começar pelo próprio tempo apesar das muitas ocupações. Na realidade, muitas vezes a indiferença procura pretextos: na observância dos preceitos rituais, na quantidade de coisas que é preciso fazer, nos antagonismos que nos mantêm longe uns dos outros, nos preconceitos de todo o género que impedem de nos fazermos próximo.

A misericórdia é o coração de Deus. Por isso deve ser também o coração de todos aqueles que se reconhecem membros da única grande família dos seus filhos; um coração que bate forte onde quer que esteja em jogo a dignidade humana, reflexo do rosto de Deus nas suas criaturas. Jesus adverte-nos: o amor aos outros – estrangeiros, doentes, encarcerados, pessoas sem-abrigo, até inimigos – é a unidade de medida de Deus para julgar as nossas acções. Disso depende o nosso

destino eterno. Não é de admirar que o apóstolo Paulo convide os cristãos de Roma a alegrar-se com os que se alegram e a chorar com os que choram (*cf. Rm 12, 15*), ou recomende aos de Corinto que organizem colectas em sinal de solidariedade com os membros sofredores da Igreja (*cf. 1 Cor 16, 2-3*). E São João escreve: “Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele?” (*1 Jo 3, 17; cf. Tg 2, 15-16*).

É por isso que “é determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiar-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia. A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia”.

Deste modo, também nós somos chamados a fazer do amor, da compaixão, da misericórdia e da solidariedade um verdadeiro programa de vida, um estilo de comportamento nas relações de uns com os outros. Isto requer a conversão do coração, isto é, que a graça de Deus transforme o nosso coração de pedra num coração de carne (*cf. Ez 36, 26*), capaz de se abrir aos outros com autêntica solidariedade. Com efeito, esta é muito mais do que um “sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas, próximas ou distantes”. A solidariedade “é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos”, porque a compaixão brota da fraternidade.

Assim entendida, a solidariedade constitui a atitude moral e social que melhor dá resposta à tomada de consciência das chagas do nosso tempo e da inegável interdependência que se verifica cada vez mais, especialmente num mundo globalizado, entre a vida do indivíduo e da sua comunidade num determinado lugar e a de outros homens e mulheres no resto do mundo.

#### FOMENTAR UMA CULTURA DE SOLIDARIEDADE E MISERICÓRDIA PARA SE VENCER A INDIFFERENÇA

**6.** A solidariedade como virtude moral e comportamento social, fruto da conversão pessoal, requer empenho por parte duma multiplicidade de sujeitos que detêm responsabilidades de carácter educativo e formativo.

Penso em primeiro lugar nas famílias, chamadas a uma missão educativa primária e imprescindível. Constituem o primeiro lugar onde se vivem e transmitem os valores do amor e da fraternidade, da convivência e da partilha, da atenção e do cuidado pelo outro. São também o espaço privilegiado para a transmissão da fé, a começar por aqueles primeiros gestos simples de devoção que as mães ensinam aos filhos.

Quanto aos educadores e formadores que têm a difícil tarefa de educar as crianças e os jovens, na escola ou nos vários centros de agregação infantil e juvenil, devem estar cientes de que

a sua responsabilidade envolve as dimensões moral, espiritual e social da pessoa. Os valores da liberdade, respeito mútuo e solidariedade podem ser transmitidos desde a mais tenra idade. Dirigindo-se aos responsáveis das instituições que têm funções educativas, Bento XVI afirmava: “Possa cada ambiente educativo ser lugar de abertura ao transcendente e aos outros; lugar de diálogo, coesão e escuta, onde o jovem se sinta valorizado nas suas capacidades e riquezas interiores e aprenda a apreciar os irmãos. Possa ensinar a saborear a alegria que deriva de viver dia após dia a caridade e a compaixão para com o próximo e de participar activamente na construção duma sociedade mais humana e fraterna”.

Também os agentes culturais e dos meios de comunicação social têm responsabilidades no campo da educação e da formação, especialmente na sociedade actual onde se vai difundindo cada vez mais o acesso a instrumentos de informação e comunicação. Antes de mais nada, é dever deles colocar-se ao serviço da verdade e não de interesses particulares. Com efeito, os meios de comunicação “não só informam, mas também formam o espírito dos seus destinatários e, conseqüentemente, podem concorrer notavelmente para a educação dos jovens. É importante ter presente a ligação estreitíssima que existe entre educação e comunicação: de facto,







a educação realiza-se por meio da comunicação, que influi positiva ou negativamente na formação da pessoa”. Os agentes culturais e dos meios de comunicação social deveriam também vigiar por que seja sempre lícito, jurídica e moralmente, o modo como se obtêm e divulgam as informações.

#### A PAZ, FRUTO DUMA CULTURA DE SOLIDARIEDADE, MISERICÓRDIA E COMPAIXÃO

7. Conscientes da ameaça duma globalização da indiferença, não podemos deixar de reconhecer que, no cenário acima descrito, inserem-se também numerosas iniciativas e acções positivas que testemunham a compaixão, a misericórdia e a solidariedade de que o homem é capaz.

Quero recordar alguns exemplos de louvável empenho, que demonstram como cada um pode vencer a indiferença, quando opta por não afastar o olhar do seu próximo, e constituem passos salutareos no caminho rumo a uma sociedade mais humana.

Há muitas organizações não-governamentais e grupos sócio-caritativos, dentro da Igreja e fora dela, cujos membros, por ocasião de epidemias, calamidades ou conflitos armados, enfrentam fadigas e perigos para cuidar dos feridos e doentes e para sepultar os mortos. Ao lado deles, quero mencionar as pessoas e as associações que

socorrem os emigrantes que atravessam desertos e sulcam mares à procura de melhores condições de vida. Estas acções são obras de misericórdia corporal e espiritual, sobre as quais seremos julgados no fim da nossa vida.

Penso também nos jornalistas e fotógrafos, que informam a opinião pública sobre as situações difíceis que interpelam as consciências, e naqueles que se comprometem na defesa dos direitos humanos, em particular os direitos das minorias étnicas e religiosas, dos povos indígenas, das mulheres e das crianças, e de quantos vivem em condições de maior vulnerabilidade. Entre eles, contam-se também muitos sacerdotes e missionários que, como bons pastores, permanecem junto dos seus fiéis e apoiam-nos sem olhar a perigos e adversidades, em particular durante os conflitos armados.

Além disso, quantas famílias, no meio de inúmeras dificuldades laborais e sociais, se esforçam concretamente, à custa de muitos sacrifícios, por educar os seus filhos “contracorrente” nos valores da solidariedade, da compaixão e da fraternidade! Quantas famílias abrem os seus corações e as suas casas a quem está necessitado, como os refugiados e os emigrantes! Quero agradecer de modo particular a todas as pessoas, famílias, paróquias, comunidades religiosas, mosteiros e santuários que responderam prontamente ao meu apelo a acolher uma família de refugiados.

Quero, enfim, mencionar os jovens que se unem para realizar projectos de solidariedade, e todos aqueles que abrem as suas mãos para ajudar o próximo necessitado nas suas cidades, no seu país ou noutras regiões do mundo. Quero agradecer e encorajar todos aqueles que estão empenhados em acções deste género, mesmo sem gozar de publicidade: a sua fome e sede de justiça serão saciadas, a sua misericórdia far-lhes-á encontrar misericórdia e, como obreiros da paz, serão chamados filhos de Deus (*cf. Mt 5, 6-9*).

#### A PAZ, SOB O SIGNO DO JUBILEU DA MISERICÓRDIA

8. No espírito do Jubileu da Misericórdia, cada um é chamado a reconhecer como se manifesta a indiferença na sua vida e a adoptar um compromisso concreto que contribua para melhorar a realidade onde vive, a começar pela própria família, a vizinhança ou o ambiente de trabalho.

Também os Estados são chamados a cumprir gestos concretos, actos corajosos a bem das pessoas mais frágeis da sociedade, como os reclusos, os migrantes, os desempregados e os doentes.

Relativamente aos reclusos, urge em muitos casos adoptar medidas concretas para melhorar as suas condições de vida nos estabelecimentos prisionais, prestando especial atenção àqueles que estão privados da liberdade à espera de julgamento, tendo em mente a finalidade reabilitativa da sanção penal e avaliando a possibilidade de inserir nas legislações nacionais penas alternativas à detenção carcerária. Neste contexto, desejo renovar às autoridades estatais o apelo a abolir a pena

de morte, onde ainda estiver em vigor, e a considerar a possibilidade duma amnistia.

Quanto aos migrantes, quero dirigir um convite a repensar as legislações sobre as migrações, de modo que sejam animadas pela vontade de dar hospitalidade, no respeito pelos recíprocos deveres e responsabilidades, e possam facilitar a integração dos migrantes. Nesta perspectiva, dever-se-ia prestar especial atenção às condições para conceder a residência aos migrantes, lembrando-se de que a clandestinidade traz consigo o risco de os arrastar para a criminalidade.

Desejo ainda, neste Ano Jubilar, formular um premente apelo aos líderes dos Estados para que realizem gestos concretos a favor dos nossos irmãos e irmãs que sofrem pela falta de trabalho, terra e tecto. Penso na criação de empregos dignos para contrastar a chaga social do desemprego, que lesa um grande número de famílias e de jovens e tem consequências gravíssimas no bom andamento da sociedade inteira. A falta de trabalho afecta, fortemente, o sentido de dignidade e de esperança, e só parcialmente é que pode ser compensada pelos subsídios, embora necessários, para os desempregados e suas famílias. Especial atenção deveria ser dedicada às mulheres – ainda discriminadas, infelizmente, no campo laboral – e a algumas categorias de trabalhadores, cujas condições são precárias ou perigosas e cujos salários não são adequados à importância da sua missão social.

Finalmente, quero convidar à realização de acções eficazes para melhorar as condições de vida dos doentes, garantindo a todos o acesso aos cuidados sanitários e aos medicamentos indispensáveis para a vida, incluindo a possibilidade de tratamentos domiciliários.

E, estendendo o olhar para além das próprias fronteiras, os líderes dos Estados são chamados também a renovar as suas relações com os outros povos, permitindo a todos uma efectiva participação e inclusão na vida da comunidade internacional, para que se realize a fraternidade também dentro da família das nações.

Nesta perspectiva, desejo dirigir um tríplice apelo: apelo a abster-se de arrastar os outros povos para conflitos ou guerras que destroem não só as suas riquezas materiais, culturais e sociais, mas também – e por longo tempo – a sua integridade moral e espiritual; apelo ao cancelamento ou gestão sustentável da dívida internacional dos Estados mais pobres; apelo à adopção de políticas de cooperação que, em vez de submeter à ditadura dalgumas ideologias, sejam respeitadoras dos valores das populações locais e, de maneira nenhuma, lesem o direito fundamental e inalienável dos nascituros à vida.

Confio estas reflexões, juntamente com os melhores votos para o novo ano, à intercessão de Maria Santíssima, Mãe solícita pelas necessidades da humanidade, para que nos obtenha de seu Filho Jesus, Príncipe da Paz, a satisfação das nossas súplicas e a bênção do nosso compromisso diário por um mundo fraterno e solidário.

Vaticano, no dia da Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria e da Abertura do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 8 de Dezembro de 2015.



# “O POVO ESTAVA NA EXPECTATIVA”

**DOMINGO**  
DO BAPTISMO DO SENHOR

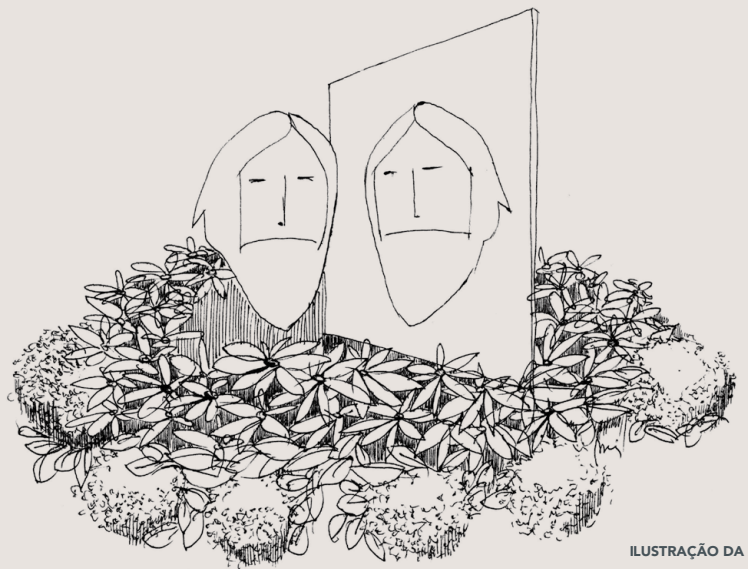


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

## SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Pai, Filho, Espírito Santo*, A. Cartagena (CEC I, p. 79)
- **APRES. DOS DONS:** *Águas das Fontes*, A. Cartagena (CEC I, p. 78)
- **COM.:** *Porque somos filhos de Deus*, A. Cartagena (NRMS 131 / XXXIV ENPL, p. 74-75)
- **FINAL:** *O amor de Deus repousa em mim*, M. Luís (NCT 388)

## EUCOLOGIA

Orações próprias da Festa do Baptismo do Senhor com respectivo prefácio (*Missal Romano* p. 153 -154).

## LITURGIA DA PALAVRA

**LEITURA I** Is 42, 1-4.6-7

**Leitura do Livro de Isaías**

Diz o Senhor: “Eis o meu servo, a quem Eu protejo, o meu eleito, enlevo da minha alma. Sobre ele fiz repousar o meu espírito, para que leve a justiça às nações. Não gritará, nem levantará a voz, nem se fará ouvir nas praças; não quebrará a cana fendida, nem apagará a torcida que ainda fumeja: proclamará fielmente a justiça. Não desfalecerá nem desistirá, enquanto não estabelecer a justiça na terra, a doutrina que as ilhas longínquas esperam. Fui Eu, o Senhor, que te chamei segundo a justiça; tomei-te pela mão, formei-te e fiz de ti a aliança do povo e a luz das nações, para abrires os olhos aos cegos, tirares do cárcere os prisioneiros e da prisão os que habitam nas trevas”.

**SALMO RESPONSORIAL** Salmo 28 (29)

**Refrão: O Senhor abençoará o seu povo na paz.**

Tributai ao Senhor, filhos de Deus,  
tributai ao Senhor glória e poder.  
Tributai ao Senhor a glória do seu nome,  
adorai o Senhor com ornamentos sagrados.

A voz do Senhor ressoa sobre as nuvens,  
o Senhor está sobre a vastidão das águas.  
A voz do Senhor é poderosa,  
a voz do Senhor é majestosa.

A majestade de Deus faz ecoar o seu trovão  
e no seu templo todos clamam: Glória!  
Sobre as águas do dilúvio senta-Se o Senhor,  
o Senhor senta-Se como Rei eterno.

**LEITURA II** Actos 10, 34-38

**Leitura dos Actos dos Apóstolos**

Naqueles dias, Pedro tomou a palavra e disse: “Na verdade, eu reconheço que Deus não faz acepção de pessoas, mas, em qualquer nação, aquele que O teme e pratica a justiça é-Lhe agradável. Ele enviou a sua palavra aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo, que é o Senhor de todos. Vós

sabeis o que aconteceu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do baptismo que João pregou: Deus ungiu com a força do Espírito Santo a Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo demónio, porque Deus estava com Ele”.

**EVANGELHO** Lc 3, 15-16.21-22

**Evangelho de Nosso Senhor**

**Jesus Cristo segundo São Lucas**

Naquele tempo, o povo estava na expectativa e todos pensavam em seus corações se João não seria o Messias. João tomou a palavra e disse-lhes: “Eu baptizo-vos com água, mas vai chegar quem é mais forte do que eu, do qual não sou digno de desatar as correias das sandálias. Ele baptizar-vos-á com o Espírito Santo e com o fogo”. Quando todo o povo recebeu o baptismo, Jesus também foi baptizado; e, enquanto orava, o céu abriu-se e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corporal, como uma pomba. E do céu fez-se ouvir uma voz: “Tu és o meu Filho muito amado: em Ti pus toda a minha complacência”.



# ITINERÁRIO

## FISIONOMIA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Discipulado.

### CARACTERÍSTICA

Desejar inscrever o nosso nome de cristãos no grupo dos discípulos de Jesus.

**CONCRETIZAÇÃO:** Colocar uma imagem do rosto de Cristo junto com um espelho, dispostos em forma de livro semiaberto e envolvidos por um arranjo floral em que predomine o branco.

## MISSÃO

Nesta semana, poderemos redescobrir e reafirmar, “mostrando” um pouco mais da alegria da nossa identidade baptismal: dar continuidade ao tempo de adoração ao Santíssimo Sacramento (por exemplo, ao passar por uma igreja parar e entrar para rezar um pouco); além disso, procurar/investigar a data do Baptismo ou uma foto da celebração baptismal e com alegria publicá-la nas redes sociais com esta oração de acção de graças: “Obrigado Senhor, pois és Pai de Misericórdia”.

## REFLEXÃO

A Liturgia dá um salto no tempo — da infância para a idade adulta — e convida-nos a celebrar o Baptismo de Jesus, um acontecimento em que se expressa a plenitude da “epifania” ou manifestação do Messias. O profeta Isaías tinha anunciado o dia em que os mensageiros da boa nova diriam ao povo: “Eis o vosso Deus” (primeira leitura). Bendigamos a grandeza das suas obras! (salmo). E, com Paulo, acolhamos o dom da salvação: em Jesus Cristo, “manifestou-se a graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens”; em Jesus Cristo, manifestou-se “a bondade de Deus nosso Salvador e o seu amor para com os homens” (segunda leitura). O Espírito Santo, pelo baptismo, faz-nos participantes da mesma vida de Jesus Cristo, cuja filiação divina é revelada nas margens do rio Jordão: “Tu és o meu Filho muito amado: em Ti pus toda a minha complacência” (evangelho).

### “Eis o vosso Deus”

O poema proposto para primeira leitura da festa do Baptismo de Jesus (Ano C) faz parte dos primeiros versículos do capítulo 40, o início do “Segundo Isaías” (capítulos 40 a 55). Estamos na segunda metade do século sexto antes de Cristo. O povo de Judá permanece no cativeiro da Babilónia. Contudo, a mensagem profética sofre uma mudança radical: já não fala de castigo e de pecado, mas de perdão, consolação, regresso a casa, intervenção salvífica de Deus. Antecipa-se um segundo êxodo, uma nova travessia pelo deserto, desta vez sem as penúrias da primeira. Deus assegura que a vida do povo está prestes a

mudar. Não é de estranhar, portanto, que os evangelhos cite fragmentos deste poema, aplicando-os à novidade radical que se inicia com a história de Jesus Cristo! Então, surge uma voz decidida, depois designada como a voz do “arauto de Sião” e “arauto de Jerusalém”, para anunciar a proximidade da comitiva, que regressa orientada pelo poder do próprio Deus. Deus, como um pastor, guia o povo com ternura e segurança. Ele, que parecia estar ausente no exílio, agora torna-se presente: “Eis o vosso Deus”. A descrição evoca futuro, esperança, alegria, vida nova. Deus não abandona, mas salva o povo.

A festa do Baptismo de Jesus é de origem recente: foi instituída em 1960, com data fixa — 13 de Janeiro —, o oitavo dia após a festa da Epifania (6 de Janeiro). Na última reforma do calendário litúrgico, esta festa foi transferida para o Domingo após a Epifania (contudo, como alerta o Lecionário, “onde a solenidade da Epifania é transferida para o Domingo seguinte, quando ela ocorre no dia 7 ou 8 de Janeiro, a festa do Baptismo do Senhor é transferida para a segunda-feira imediatamente a seguir”). Aos promotores desta festa pareceu-lhes que a manifestação de Jesus Cristo ao mundo alcança a sua plenitude no momento em que se ouve a voz do Pai aquando do baptismo, no rio Jordão. Por outro lado, ofereceu-se aos baptizados e baptizadas uma bela ocasião para reflectir sobre a nossa condição, já que é no baptismo que começa a nossa biografia cristã, o caminho da nossa fé como discípulos missionários da alegria do Evangelho.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in [www.laboratoriodafe.net](http://www.laboratoriodafe.net)

## ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Renovação das promessas baptismais:  
1º Aspersão com a água benta na “preparação penitencial”  
2º Profissão de fé segundo a fórmula baptismal (consultar o documento Word disponibilizado na página da Arquidiocese (Comissão de Liturgia).

## ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos em Cristo: celebrando o Baptismo de Jesus, o Filho muito amado de Deus Pai, oremos pelas pessoas de toda a terra, dizendo (ou cantando), confiadamente:

**R.** Deus de misericórdia, confirmai-nos no vosso Espírito.

**1.** Pela santa Igreja, mãe dos cristãos, pelos ministros da Palavra e do Baptismo e pelos que renascem da água e do Espírito, oremos.

**2.** Pelos que têm sede da água viva, pelos que crêem em Jesus, Filho de Deus, e por aqueles a quem a fé não ilumina, oremos.

**3.** Pelas pessoas perseguidas e humilhadas, pelas que perderam a coragem de lutar e por aquelas que as defendem e ajudam, oremos.

**4.** Pelos doentes que perderam a esperança, pelas crianças que perderam os seus pais e por aquelas a quem falta o amor e um lar, oremos.

**5.** Por todos nós que recebemos o Baptismo, pelos que estão em graça e paz com Deus e por aqueles que entre nós vivem nas trevas do erro, oremos.

Senhor, Pai de misericórdia, reavivai em nós, pelo Espírito Santo, o dom e a alegria do Baptismo, para que Vos chamemos nosso Pai e nos sintamos, de verdade, vossos filhos. Por Cristo Senhor nosso.

## ADMONIÇÃO FINAL

Nós que fomos enxertados no Espírito Santo, mas que temos medo do futuro, escutemos esta voz que nos diz: “Tu és o meu filho, tu és a minha filha, eu estou contigo, em ti pus toda a minha ternura!”  
Sejamos ternura, bondade e misericórdia para os outros...  
É o tempo de cumprir a missão, trabalhando pelo Reino.  
É o tempo da conversão.  
É o tempo de anunciar o Rosto da Misericórdia de Deus.

## BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene Tempo Comum I (*Missal Romano*, p. 560).

**A Profissão de Fé segundo a fórmula baptismal está disponível em <http://www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/>**





### 90 ANOS DO SEMINÁRIO MENOR E CAPELA IMACULADA

O Seminário foi construído em 1924 a mando de D. Manuel Vieira de Matos. No mesmo ano em que celebra nove décadas, conclui-se o restauro da Capela Imaculada, inaugurada a 8 de Dezembro.

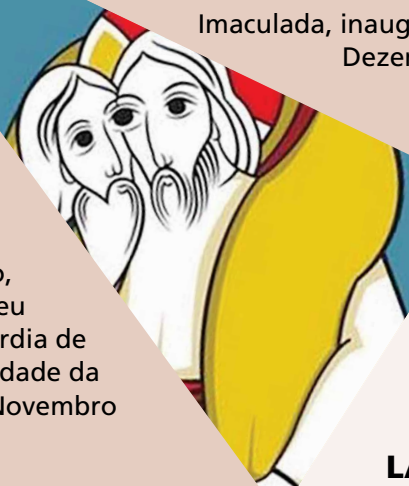


### NOVAS BASÍLICAS: S. BENTO E BOM JESUS

O Papa Francisco concedeu duas indulgências plenárias aos santuários de S. Bento e do Bom Jesus, elevados a basílicas nos dias 21 de Março e 05 de Julho.

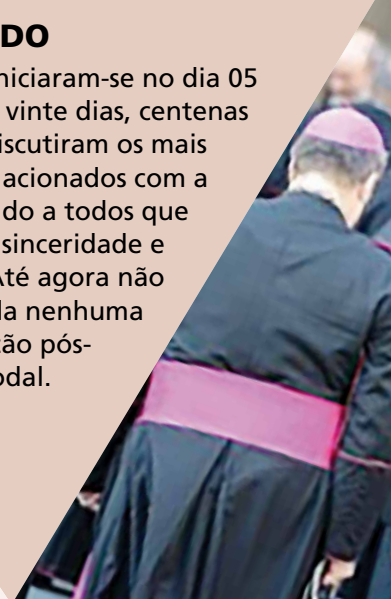
### ANO DA MISERICÓRDIA

O Papa Francisco anunciou a 13 de Março, na Basílica de S. Pedro, a decisão de proclamar um "jubileu extraordinário" centrado na "misericórdia de Deus". O Ano Santo começou na Solenidade da Imaculada Conceição e termina a 20 de Novembro de 2016.



### SÍNODO

Os trabalhos sinodais iniciaram-se no dia 05 de Outubro. Durante vinte dias, centenas de participantes discutiram os mais variados temas relacionados com a Família. Foi pedido a todos que falassem com sinceridade e sem receios. Até agora não foi publicada nenhuma exortação pós-sinodal.



### LAUDATO SI'

Encíclica do Papa Francisco, publicada a 18 de Junho, que critica o consumismo e desenvolvimento irresponsáveis. O pontífice fez também um apelo à mudança e à unificação global das acções para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas.



### VISITA AD LIMINA

A visita *ad sacra limina apostolorum* ou visita *ad limina* é realizada pelos bispos do mundo inteiro. Os prelados portugueses viajaram até Roma de 07 a 12 de Setembro com o objectivo de reforçarem as suas responsabilidades de "sucessores dos apóstolos" e a comunhão com o sucessor de S. Pedro.

### DISCURSO NO CONGRESSO

No terceiro dia de visita aos Estados Unidos (24 de Setembro), o Papa Francisco visitou o Congresso do país, onde fez um discurso histórico. O Santo Padre pediu uma vigilância global contra o fundamentalismo de todos os tipos, mas alertou para o "equilíbrio delicado" entre a luta contra extremistas e a preservação das liberdades religiosas. Foi a primeira vez na história que um papa discursou no local.



### BISPO AUXILIAR

A Arquidiocese de Braga ficou a saber a 21 de Novembro que irá contar com D. Nuno Manuel dos Santos Almeida como Bispo Auxiliar. A ordenação acontece no dia 31 de Janeiro, pelas 16h00, na Sé de Viseu.

